



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 22 de Março de 1980 * Ano XXXVII — N.º 940 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DO TEMPO

1 Sempre, e agora mais insistente, a Igreja advertenos com o Senhor Jesus. Ele disse e Ela diz: «Não podeis servir a Deus e à riqueza». «Acumulai no Céu os vossos tesouros.» «Onde tendes o vosso tesouro, aí está o vosso coração.»

Feliz o homem que, pisando a terra, tem no Céu o seu coração. Feliz o mundo por esse homem. O coração no Céu não o distrai da missão que lhe compete na terra; não o aliena do seu compromisso temporal: «Crescei e multiplicai-vos; povoai a terra e submetei-a; dominai os peixes do mar e as aves do céu e tudo o que tem vida» — diz Deus. E disse mais: «Dei-vos toda a planta portadora de semente para que vos sirva de alimento; para que todos os seres em que há vida, tenham o que comer».

Deus pôs a potência à disposição do Homem; e deu ao Homem o poder de a pôr em acto.

Homem quer dizer: todos os homens.

Então porque não chega a

cada um o pão de que precisam? Porque muitos enterraram o seu coração. Perdem o horizonte infinito que lhes foi dado. A terra torna-se pequena e cada um acha-a pouco para si. Em vez de Deus adoram a riqueza. É aqui e agora que querem arrecadar os seus tesouros. E aqui lhes ficam cativos os corações. A submissão da terra, o domínio de tudo que tem vida, de projecto cósmico de Deus tornou-se uma corrida de competição. Vencem os mais hábeis; conquistam os mais fortes. E a planta portadora de semente, posta para alimento de todos, não chega a cada um.

Não é com o coração fechado dentro de si sobre a terra que pisam que os homens podem entender esta palavra de S. Pedro Crisólogo que a Igreja hoje nos recorda: «Homem, para que não percas retendo, colhe distribuindo. Dando ao Pobre, dá a ti; porque o que não abrires ao Outro (como uma dívida que saldas), não o terás».

Não sei de palavra mais in-

teligente e estimulante da primeira revolução que importa, como fundamento na verdade e na justiça de todas as revoluções que se seguirem: a que o Homem aceita e assume no seu coração.

2 No mesmo dia em que soube da morte de D. João da Silva Campos Neves, me chegou notícia em um diário lisboeta sobre o P.e Honorato Gomes Rosa. Um Bispo e um Padre. Dois Homens. Dois Amigos.

Aquele, forte em obras, parco em elogios, disse deste, uma vez: «Um sábio e um santo». A notícia subscrita por um jornalista — «Eu que nem crente sou!» — confirma.

A D. João deu-lhe Deus uma vida longa e cheia. «Um homem de decisões rápidas», testemunhou alguém. «O grande impulsionador e realizador do pouco que materialmente se fez nesta cidade», afirmou outro. «A todos peço duas coisas: que me perdoem não ter sido o Bispo zeloso e apostólico que devia ter sido e a que tiveram direito; e que não deixem de sufragar a minha alma», disse de si mesmo o homem humilde que foi.

A P.e Honorato colheu-o Deus a meio da vida, na pujança dos seus dons, em plena partilha generosa dos seus talentos, deixando «de luto que não mais finda os que o estimavam verdadeiramente», nos

quais permanece «rasto impercível de sua Bondade, Pureza e Elevação» — os traços indeléveis da sua imagem.

Para o P.e Honorato quer o jornalista uma homenagem: «uma lápide, um busto, uma sessão, ou sessões, da responsabilidade da Hierarquia — no decorrer da qual a figura impercível de José Honorato, padre, intelectual, amigo e apóstolo, seria evocada». Nada mais justo. E no entanto, tudo vulgar e precário. O mesmo se faz a qualquer um que não foi nada. Impercível, sim, a sua memória nos nossos corações — no meu também. A todos que o conhecemos e dele tanto, tanto recebemos, não falte «o elan vivificador contra todas as fraquezas» que ele nos transmitiu, para o transmitirmos às gerações vindouras que não tiveram, directamente dele, o mesmo privilégio. Eis a sub-

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Os que não têm lareira não perderam o sabor dela.» (Pai Américo)

Vimos, já há um tempo a esta parte, falando da Família nas igrejas de Lisboa. E, aproveitando este tempo forte que é a Quaresma, temos convidado os cristãos a reflectir sobre as suas responsabilidades familiares, induzindo-os ao cumprimento dos seus deveres singulares e colectivos, numa linha de conversão, pelo reassumir em pleno dos compromissos contraídos e pela vivência coerente dos princípios que dizem professor. Temos, por assim dizer, procurado humildemente semear. Só a Deus pertence conhecer os resultados.

Uma Casa do Gaiato é um posto de observação que nos dá, como poucos, para ver claramente o que representa a inexistência da família, o seu mau funcionamento ou a sua dissolução. Os casos que nos são postos e os contactos estabelecidos a todos os níveis sociais permitem-nos ver com clareza, sobretudo pela negativa, os dramas pungentes que se colocam a muitos dos nossos irmãos e como as instituições para jovens, e não só, por mais esforços que façam os seus responsáveis, são apenas fracos remedeios.

Há pouco tempo, alguém, com cerca de trinta anos e dotado dum curso superior, punha-nos, como explicação fundamental para os problemas que o atormentam o seguinte: «Sabe, padre, é que eu nunca tive pais. Quando fui para a Escola eles já estavam separados!» Por outro lado, muitos que se acercam de nós, não raro com pais vivos e em plena cohabituação com eles, se sentem órfãos, autenticamente abandonados. É doloroso e trágico, mas verdadeiro.

Quando olhamos para os nossos Rapazes sentimos o drama interior, profundo e desgastante, de não podermos ser para eles aquilo a que têm direito. Quem pode substituir um pai ou uma mãe que, para lá da sua maior ou menor cultura e das suas maiores ou menores riquezas, assumem, em bom senso e em compromisso autêntico, os seus deveres? Ninguém, por melhor que queira e faça.

A Família é o espaço natural e lógico para a educação e formação dos filhos. Sobre tudo, na exemplaridade, no diálogo e na compreensão; no sacrifício e no desvelo; quando

se corrige e se incentiva, é que se educa e forma segundo os padrões humanos, morais e espirituais. Inculcar nos seus membros a necessidade de revisão permanente é uma exigência objectiva. Vencer as tensões e os desajustamentos existentes é um imperativo categórico. E isto só se consegue sem ideias preconcebidas, recusando a infidelidade ou o sofisma, antes pondo claramente em cena as dificuldades, num clima de verdade e de sincera busca de ultrapassagem. De contrário, será o insucesso e a infelicidade, para pais e para filhos, e também para a sociedade.

A Família é o cerne, temos dito, de toda a estrutura social. Fomentar a sua estabilidade e o seu bom funcionamento exige da parte dos responsáveis medidas adequadas de protecção e de estímulo, ao nível material e no plano moral. Habitação, protecção social, abonos de família capazes, escolas livres e acessíveis, dignificação da mulher em todos os escalões, são, entre outras, medidas a tornar prá-

Cont. na 4.ª página



Os «reis» da nossa Casa do Gaiato de Setúbal. Flores que a Rua não deixaria desabrochar...

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS DO CARNAVAL — Terminou o primeiro período do ano lectivo. As pequenas férias do Carnaval chegaram e nós, os estudantes do Lar de Coimbra, viemos até Miranda do Corvo onde se encontra a nossa Casa-mãe.

Entretanto, a malta das Escolas entrou também em férias, embora um pouco menos prolongadas que as nossas. A vinha foi a ocupação da maior parte dos estudantes do Lar. Organizou-se um grupo e com grande afinco no trabalho tratámos de fazer covas para aí serem plantadas mais videiras. Isto, porque havia muitas falhas ao longo das filas e também porque algumas já estavam secas, precisando assim de serem substituídas por outras novas. Ao todo abrimos quatrocentas e vinte e cinco covas.

Um outro pequeno grupo estrumou e tratou dos jardins. O Guido dedicou-se a podar a sebe que rodeia o nosso pomar.

Os pequenos, em grupo, arrancaram as ervas do quintal do Parque Infantil, outros limpavam as ruas e o pomar, arrancando as ervas, também. Os animais, agora, foram melhor tratados, pois os da erva tiveram mais tempo livre.

O Martins e o «Sprint» agarraram-se à poda das árvores de fruto.

A necessidade de estendermos mais um bocado a vinha levou-nos a cortar pinheiros que se encontravam ao lado. O Abílio e o «Hosse» não pararam com o tractor, transportando rolos de madeira de pinheiro para a serração.

Os rapazes das oficinas continuaram ocupados com muitas encomendas e tentam despachá-las o mais depressa possível.

Na terça-feira, da parte da tarde, tivemos a livre e mesmo sob a ameaça de chuva e bastante frio jogámos à bola, aos mastraquilhos e outros brincaram doutras formas.

Quarta-feira à noite reunimo-nos na nossa Capela e assim iniciámos o tempo da Quaresma, que é tempo de maior perfeição.

Afonso

Setúbal

CIGANOS — Eu tenho passado ali, junto ao Hospital da cidade, e vejo um monte de gente graúda e miúda «abrigada» entre paredes e placa mal vedada, sem portas nem janelas, buracos que são tapados com trapos. Tentei olhar mais de perto e soube que eram ciganos. Ciganos que são seres humanos. Que têm um corpo como nós, com todas as necessidades que tu e eu sentimos.

O Ano Internacional da Criança não deixou ali rasto. Em pleno Inverno, ela ali está nua e faminta, suja e na convivência da promiscuidade com os pais.

Ninguém dá aos pais, agora, para que amanhã os filhos sintam o gosto

pela vida. Ninguém quer semear agora para colher amanhã.

Ora, eu sei que a Câmara Municipal do Porto construiu casas de habitação para famílias ciganas. Ali, reparei mais do que uma vez, de que não é assim tão difícil imprimir gosto. Gosto que, os que mais sabem e podem, fogem de dar a quem carece dele.

E eu olho aquele monte de seres humanos e vejo a razão de ser porque tanta vez os vejo nos corredores do hospital: mães aflitas à procura dum médico mais clemente que veja o filho que abraça ao colo, descolorido pela febre e doença que o mina.

Quem olha para isto com olhos de ver? Quem sente na sua carne a miséria que esta gente não deseja?

TRIBUNAIS — Depois do jantar houve tribunal. O chefe chama dois faltosos. O primeiro, depois de muita espera, acaba por confessar o delito. O chefe fala e diz da falta mais da mentira. Ele é juiz mas não quer ser sózinho. Os outros irmãos têm que se pronunciar. Pediu opinião, e elas foram várias: O cabelo à escovinha, o mais indicado pela maioria. «Vila Real» levanta o dedo e sugere outro, alegando que o cabelo rapado dói muito. «Vila Real» disse bem. Ele experimentou a dor que aponta. «Dói muito.» É a dor que faz acordar. Que os faltosos acordem com esta dor, e que os tribunais de nossa Casa evitem males futuros. Que a vergonha do cabelo rapado seja remédio; porque se agora não for, como darão resultado noutros tribunais lá fora? «O cabelo rapado dói muito!» Eles são juizes em causas próprias e têm a noção do remédio.

EMÍDIO — O chefe não estava. Tinha ido para a escola de cozinheiros, em Lisboa. Coube-me a mim dar uma olhadela pelo nosso ambiente. As tantas da tarde, ali junto à Capela, vejo o Emídio amarrado de



Mais dois netos da Obra da Rua. São filhos do Rogério, que foi da nossa Casa do Gaiato de Setúbal, agora colocado nos Açores.

pés e mãos, muito triste e choroso, contando que um «grupo de estranhos» o tinham atado atrás da Casa! E disse e lamuriou ao máximo. Eu fiquei como se a coisa se tivesse passado comigo e desatei-o. À noite houve tribunal porque o Emídio se tinha portado mal na Escola e teria que ir ter com o chefe. Não foi e andou por lá. Confessou que se tinha armado em vítima, e que ele próprio se tinha amarrado! Eu não acreditava se me não fosse dado ver a repetição da odisséia. E julgava-me um sabichão nestas andanças!

OFICINAS — As nossas oficinas. Elas são escola prós nossos rapazes. É nosso intuito servir os nossos clientes o melhor possível a preços justos. Há quem nos procure na ânsia do barato. Pois que toda a gente saiba que procuramos ser justos. Graças a Deus não nos tem faltado que fazer. Temos sempre muitos fregueses. Para quem nos não conhece dizemos que as nossas oficinas e o nosso Lar ficam situados no Largo das Areias, Setúbal (junto ao cemitério), com o telefone 23054. Somos a Porta Aberta para quem nos queira visitar.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Nesta vida de recoveiros dos Pobres, a gente nem sempre consegue que a Justiça seja feita com a oportunidade que merece!

Uma pobre mulher tem o marido inválido, tratado com o maior desvelo. Damos a mão para que não lhes falte o mínimo indispensável. Contos de réis ao longo do ano... Essa mulher, dizíamos, procura-nos de novo por mor da pensão de reforma que se arrasta incompreensivelmente. Foi mais uma carta para a CNP! Só que nos permitimos transcrevê-la, a ver se do Alto olham a sério, muito a sério, cá para Baixo, a modos de quem deseja reparar o motor.

«(...) Ao fim de 5 meses de espera pela Junta Médica... ainda não fui chamado!

Qual o motivo?!

Salvo melhor opinião, não se compreende que a concretização do deferimento ao meu requerimento para benefícios de invalidez, com data de 10 de Outubro de 1978 (!) — o sublinhado é nosso, também — permaneça a passo de lesma por inoperância sectoriais da Previdência. Vejo-me, por isso, sujeito, a viver da Caridade, enquanto «a Previdência (que) não dá esmolas» se resolve a prestar-me Justiça... depois de morto!

Em parte nenhuma do mundo, com certeza, se verifica coisa idêntica — para nossa vergonha.»

A CNP respondeu prontamente. E esclarece «que em 22/2/80 insistimos à Caixa... na realização da Junta Médica».

Valha-nos Deus!

PARTILHA — «Por alma de Helena e João», 1.000\$00. Albergaria-a-Velha, 80\$00 para «uma velhinha». Duas Igrejas — Romariz, parte de um rateio. «Uma portuense qualquer» com 250\$00 dando «graças ao Senhor pelas maravilhas feitas com as migalhas chegadas à Conferência». Adalberto, de Lisboa, também divide pelos Pobres. Mais 250\$00 da assinante 27572, da Maia. Assinante 18223, Rua Alferes Malheiro (Porto), 150\$00. Travessa de S. Vicente (Lisboa), cheque de 120\$00. Assinante de Paço de Arcos (é melhor assim?) 2.400\$00, do seu vencimento. Um voto cristão! Bom Amigo do Fundão aparece assiduamente; manda agora 1.300\$00 por ter comprado uma moradia, sentindo-se «moralmente obrigado a indemnizar, simbolicamente, aqueles que nada têm». Testemunho cristão! E como Cristo vai na barca, ouçamos um Vicentino lisboeta com Mensagem oportuna:

«(...) É o primeiro dia da Quaresma, tempo favorável no dizer do Apóstolo das Gentes. Tempo favorável para a nossa conversão para Deus e para os nossos Irmãos.

Neste tempo Deus chama-nos especialmente para Si e para a partilha fraterna e penitencial com os Irmãos necessitados.

«O Mestre está ali a chamar-te» disse Marta a Maria Madalena, na Casa de Betânia. De facto o Mestre está ali a chamar-nos a todos para cooperarmos na Sua Obra de Amor. Está ali na pessoa do doente que precisa do conforto da nossa palavra amiga e, quiçá, da nossa ajuda material, e chama-nos; está ali no inválido desprovido de meios e chama-nos; está ali no desempregado rodeado de mulher e filhos e chama-nos para o socorrer; está ali na família que vive (?) num barraco de madeira apodrecida por cujas frinchas entram a chuva, o frio e a doença, e chama-nos para o auxiliar proporcionando-lhe habitação condigna; está ali no irmão que, não tendo carência, de ordem material, sofre na sua alma à beira do desespero e precisa de uma presença amiga que lhe aponte o caminho da Fé e da Esperança; está ali na pessoa do Auto-construtor que, poupando o mais que pode e trabalhando em todos os momentos livres, intenta dar forma ao sonho que acalenta, de construir uma casa com o possível conforto e beleza onde sinta que ele e a sua família vivem em condições humanas mas que, para realizar o seu sonho, necessita da nossa ajuda.

(...) Junto um cheque para o fim que se afigurar mais premente. É o meu contributo penitencial.»

Assinante 844, 300\$00. Assinante 1364, 200\$00. Ilda, de Algueres, com sobras do pagamento da assinatura de O GAIATO. «Atribulada» com 100\$00. Mais 250\$00 de Macedo do Peso. Lecista da Figueira duas vezes 100\$00. Assinante 25098, remanescente da liquidação de O GAIATO. Assinante 9311, 25\$00. Quitéria, de Lisboa, temos recebido tudo. Obrigado. Assinante 19177, 100\$00. Rua do Covelo, Porto, 200\$00 mais 100\$00. Ainda do Porto, 200\$00 da Rua Augusto Gil, «migalhinhas de Janeiro e Fevereiro». Idem, da assinante

13519. Santarém, casal-assinante 17022, com a presença habitual: 200\$00. «Por intenções particulares que se podem traduzir em bênçãos para o meu lar e da minha filha», mais 200\$00. Assinante 25037, de Lisboa, 50\$00 «para aliviar os nossos Irmãos necessitados». Rua N. S. Fátima, Porto, 2.000\$00. Metade de uma Anónima. «Velha Amiga» de Lisboa, 400\$00. Caldas da Rainha, 800\$00. Beatriz, da capital, 500\$00. Sílvia com 300\$00, pedindo «uma Avé Maria pelos meus filhos». E sobras de um cheque da assinante 23862, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

FESTA/80 — Está marcada para o dia 11 de Maio, às 11 horas da manhã, no local a que já nos habituámos. O horário não é o ideal, mas é o possível, graças à gentileza e amizade da administração do Cinema Monumental que todos os anos nos cede a sala gratuitamente.

Decorrem, entretanto, os preparativos para esse encontro. Ao programa já traçado muitas alterações serão feitas. Colagens e descolagens de músicas e de diálogos; a descoberta de novos movimentos de dança; e a dúvida sobre a presença deste ou daquele elemento serão as constantes nestes dois meses que nos faltam.

Mas há um aspecto que quero aqui realçar, sobretudo para os Rapazes que serão intervenientes directos na Festa: Deve estar, à partida, posta de parte a preocupação pelo aspecto material das nossas Festas. Será bom que tomemos todos consciência da raiz, da razão de ser destes encontros anuais que deveriam tocar, a cada um, no mais íntimo do seu coração e da sua inteligência. Pena é que muitas vezes, e não só em nossas Casas, se tenha de recorrer aos resultados materiais para mostrar a importância dos factos, relegando-se para segundo plano ou para o desinteresse completo os sentimentos mais puros e expressivos que justificam e realizam tudo.

Não tenhamos ilusões. As pessoas que vão ao Monumental ou a outras salas não vão exactamente pelos atributos artísticos de qualquer um de nós ou do conjunto, embora não sejam destituídas de gosto e não deixem de apreciar aquilo que se faz.

Por outro lado temos de reparar que as entradas são pagas. E quem paga tem o direito de assistir a um espectáculo com o mínimo de qualidade e aplicação, salvaguardando sempre as capacidades dos «actores». Haja vontade e interesse, pois com os recursos humanos e materiais de que dispomos podemos primar pela qualidade. Agora se houver preferência pelo «Dancing Days» ou pelo futebol em desfavor dos ensaios, na-



TRIBUNA DE COIMBRA

Os devotos desta **procissão** começaram a desfilar antes do Natal. No caminho encontrámos muitos outros. Este cortejo nunca terminará. Quem diz que a Caridade envelhece?

A frente vai o Manuel e seus familiares, do Canadá, com 10 dólares; a seguir Castelo Branco com 200\$; professor universitário de Coimbra com um cheque; a Senhora de Vilar Formoso com vales mensais; amigo de Oliveira de Azeiteis com cheque e palavras de muito carinho; grupos de empregados bancários; vários Amigos de Castelo Branco e da Covilhã; também vários Amigos de Leiria, pelos vendedores ou pelo correio. Entre estes Amigos de Leiria veio uma Amiga de 93 anos. Deus a conserve em alegria e paz.

Tomar também, com sacos de carne, têm chegadoromeiros pela mão do Paulito, ou doutros modos; vale de Campo de Besteiros; vale de Soure; cheque de Castanheira de Pera; cheque de 60 dólares de professora amiga a trabalhar no Gabão. A distância não separa o amor. Cheque de Cebolais de Cima; vale de Fátima; vales

de Manuel de Lisboa; vale de Condeixa; carta de S. Romão; vale do Luso; carta da Cruz Quebrada; quatro irmãozitos de Ferreira do Zêzere; Amigo de Arganil; cheque de médico de Aveiro; lembranças da Louçã; os Amiguinhos de Mação; o Amigo de Odivelas; as velhas Amigas de Medelim; vale de Barcelos; vale de Sobral de Ceira; voltaram as Senhoras amigas de Cabaços.

É sempre tão consoladora quando chega a presença do casal francês! Desde que nos conheceu, nunca mais nos esqueceu, apesar da distância e dos mimos da sua terra! Um grupo de portugueses emigrantes em Münster juntou-se com seu capelão e mandou-nos lembrança de 14.300\$. Uma Senhora alemã tem-nos no número de seus filhos.

O maior número de participantes neste cortejo é de devotos de Coimbra. Nem podia ser doutro modo. Entre eles vão vários sacerdotes, sinal de que o cortejo tem cunho de espiritualidade, que é assim que nós queremos. A Senhora que à porta da igreja dos Franciscanos entrega envelope a vendedor; as outras pessoas

que entregam aos vendedores, quer na rua, quer em suas casas; todos os que vão levar à Casa do Castelo; o «espere aí que hoje tem sorte!» da Maria Tereza! E o «há lá dentro muitos embrulhos» dos outros empregados! A lembrança da Secretaria das Agências Funerárias de Coimbra nos H. U. As presenças do Governo Civil. A pequenina lembrança da Câmara Municipal. Anóni-

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Quem havia de dizer?! Hoje o nosso Padre Carlos é o campeão. Tomou a iniciativa de pregar O GAIATO nas igrejas e capelas onde realiza **peditórios** — e leva a **camisola amarela!**

Em Avintes, recolhe setenta e tal. Na Capela das Almas (Porto), umas dezenas, também. E, entusiasmado com o resultado da campanha, programou a difusão de O GAIATO por outros lugares de culto do Norte do País onde irá comentar a Palavra do Senhor. Nós rejubilamos. E procuramos estimular a acção, pois O GAIATO é um púlpito cuja voz precisa ecoar pelo mundo fora.

mo de Brasfemes. Lembrança da Confraria da Rainha Santa. Muito amor do Pessoal do Salão Azul. A amizade tantas vezes revelada do Pessoal das Telecomunicações. Tantos Amigos que têm ido ao nosso Lar. O casal da padaria que tantas vezes nos recorda.

Vizinhos nossos de Miranda do Corvo, muitos nos acompanham: um todos os anos calça de novo quase todos; outro ofereceu botins de plástico para a chuva; Senhora professora vem com carta muito escondida; Senhora de há muito mensalmente anónima; outros de outros modos; Médicos sempre de porta aberta. Deus chamou

agora um deles; que o tenha em Paz. Oficina de mecânica onde não há registro das nossas contas.

Têm-se incorporado outros amigos que têm vindo ou se têm feito representar: de Pombal, de Anadia, da Figueira da Foz, de Cantanhede, de Lisboa, de Mem Martins, da Mealhada, do Porto, de Vila Seca, um grupo de Senhoras que veio de Buarcos, a Saipol com latas de tomate, Nazaré com armazenista de peixe que tem sempre para dar.

Confiamos que o Senhor Deus também vá conosco e com todos.

Padre Horácio

da feito. Nem tampouco se pode encher o palco com os «Batatinhas», como quem serve conservas a todas as refeições, com todo o respeito por eles e pelo carinho que os nossos Amigos nutrem pelos mais pequenos.

Espero que aqueles que constituem esta Comunidade aceitem o meu desabafo e, os Amigos leitores compreendam a razão de ser deste. Entretanto vão passando palavra, espalhando a notícia da Festa. Se Deus quiser tudo correrá bem.

PEDIDO — Todos sabem que as nossas Festas se caracterizam, entre outras coisas, pela simplicidade como propósito e como resultante dos recursos humanos e técnicos. Todavia, nada impede que sejamos modestamente ambiciosos. Pelo menos em teoria. Falo nisto devido à dúvida em que andamos entre comprar ou não uma aparelhagem. Precisamos dum amplificador, respectivas colunas e micros. Mas é material caro. Daí o recuo.

Aqui fica a notícia e o pedido de que nos ajudem com alguma proposta favorável, ou uma migalha para ajudar a preparar a reserva para esta despesa.

Jorge Cruz

Paço de Sousa

FUTEBOL — Realizou-se no passado domingo, 24 de Fevereiro, um encontro de futebol entre a nossa equipa e uma outra de Lousada. A partida desenrolou-se, na primeira parte, bastante bem, com a nossa equipa sempre a atacar mais que os visitantes, capaz de um grande poder de futebol. Nos primeiros minutos, «Rebuçados» abriu o activo,

sendo este o único golo da nossa equipa. Mas logo na segunda parte, os visitantes elevaram-se mais um pouco e conseguiram também o seu tento. No final dos 90 minutos o resultado foi 1-1.

Também no dia 2 de Março se realizou um outro encontro, com uma equipa de Coreixas (Molas Aba), ficando o resultado em 7-1 favorável à nossa equipa, que desenvolveu maior capacidade futebolística e maior poder físico.

Pois, como vêem, venham sempre até nós, sejam equipas de futebol bem praticado ou não. Nós queremos é ver desporto, como é o caso do futebol.

OBRAS — As obras na casa 3 continuam. Trabalhando sempre, veremos mais uma casa da nossa Aldeia pronta a acolher e acomodar os nossos rapazes que estão no salão. Está-se a começar de cima para baixo, isto é, do sótão para o rés-do-chão, e vai-se procurando reconstruir, pouco a pouco aquela casa irá ficar tal qual como a casa 4.

OFERTAS — Na semana compreendida entre 2 e 8 de Março, mais propriamente na 4.ª feira dia 6, pudemos saborear um bifinho, que já há meses não se comia cá em Casa. Depois de uma bela sessão de ginástica, com bastante esforço a subir e a descer escadas, uns crosses, enfim. Pois, já no mesmo dia se sabia que era bife oferecido, tal como a fruta que nos dão todos os sábados e que gostamos muito de a comer, depois de uma arrozada com ervilhas, feita pelos nossos cozinheiros. E que boa ela estava! A estes nossos Amigos digo o muito obrigado em nome de toda a nossa Comunidade.

«Salsichas»

UMA CARTA

O número de aniversário já a não comportou, mas não resistimos. Ela aí vai «sem amputar», como Pai Américo fez a outra, vão quase trinta anos passados.

É uma afirmação de intemporalidade. Quem, «através das suas palavras e do seu estilo de vida», fez doutrina, faz, continua fazendo «tanto bem a todos que lêem O GAIATO». Por isso a necessidade de «esta simples homenagem».

«Pai Américo

Ao fim de tantos anos, venho escrever-lhe de novo, como se o tempo não tivesse caminhado e eu não tivesse vivido uma vida já longa de tantos e diversos acontecimentos — bons, maus, mas todos com a presença de Deus; muitas vezes, talvez com as mesmas angústias, as mesmas preocupações que me atormentavam nesses tempos, mas que põem em confronto todas as outras razões que me dão força para continuar. «Há tanto cá dentro para se revelar.» Sim, Deus revela-Se de muitas maneiras e eu tenho disso muitas provas. A minha vida, ultimamente, tem sido uma série de tormentos, que tenho su-

portado com uma coragem e serenidade, que penso que Deus me acompanha.

E é por isso que pensei em vir escrever-lhe, como se ainda cá estivesse com o seu estar na vida com os outros e pelos outros.

Pelos outros, para os outros, razão de estar na vida. Na verdade, penso que esta é a única meta, é a única razão de estarmos no mundo.

Quando se discutem os Direitos do Homem e os Direitos da Criança; quando se invocam os problemas dos doentes, da terceira idade e dos diminuídos mentais; quando se apontam os pobres, os marginais e marginalizados, a droga, todos os desfavorecidos da sorte — verifica-se ainda que quase tudo continua a ser tratado em estilo de Gabinete e Comissões ou Grupos de Trabalho, que não atacam a fundo todos esses problemas por falta de contacto directo com a realidade.

Uma transformação da vida implica uma despersonalização e desintelectualização dos indivíduos, uma voltação para os outros em função deles e não de nós próprios e das estruturas, não em forma de sa-

onde sou paroquiano, compra O GAIATO. A prosa, a degradação em toda a comunidade cristã, todos os anseios vossos e do nosso Próximo, tão bem entrosados no vosso jornal, levam a querer-me mais próximo de vós.

Tudo farei para propagandar o vosso influente jornal nos espíritos que, longe do que é divino, esquecem as fraquezas do que é terreno.

Eu não esqueço. Sou eu que preciso de Deus, não é Ele que precisa de mim...

Fogo do Alto!

A seguir, um Licenciado da Capital:

«Queridos Amigos

Porque não posso passar sem a leitura de O GAIATO, e para o ter sempre mais perto de mim, peço o favor de me enviardes para a morada junta...

Sempre convosco no coração...»

A procissão toda ela queima! Há mais dísticos deste teor. Peregrinos d'alma cheia, suspirando pelo O GAIATO; e mais: devotados à conquista de novos assinantes. É que não podemos aferrolhar o Bem, mas difundir-lo até às últimas consequências. Preparemos o ter-

Cont. na 4.ª página

tisfação dos programas de uma nova sociedade, mas a partir de conceitos de humanismo, de amor e de vida eterna, em que cada um procurará prescindir de uma parte para pertencer a outro, onde existirá uma divisão melhor proporcionada dos haveres e valores da vida, como se cada um trouxesse o Cristo numa antecipaço da Sua nova vida.

Parece-me que durante a sua passagem por este mundo, o Pai Américo transmitiu um pouco destes conceitos, não só através das suas palavras, como do seu estilo de vida, umas e outro fazendo doutrina e que tanto bem têm dado a todos que lêem O GAIATO.

Já vai longa esta carta, Pai Américo, mas esta é uma simples homenagem que há muito desejava fazer-lhe.

Marian»

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

ticas, se temos consciência dos valores em causa.

Não basta, porém, que se legisle e tomem as medidas enunciadas e outras indispensáveis. É curial que as próprias famílias, individualmente pelos seus diversos membros e colectivamente, assumam a sua própria dignidade, na vivência dos valores éticos e espirituais e se defendam dos ataques virulentos, tantas vezes subtis, pelas forças que, invocando a sua protecção, as buscam destruir por dentro, conscientes que estão, que, só assim, as poderão subverter e desagregar em ordem ao caos pretendido.

Dois exemplos apenas para ilustrar o período anterior. A Mulher é o alvo preferido no plano diabólico atrás referido. A pretexto da sua pseudo-libertação ou emancipação, da liberdade de dispor do seu corpo, etc., até se lhe pretende inculcar a ideia de que é uma desonra ser mãe legítima. Reparem que não há aqui, da nossa parte, qualquer agravo

às mães solteiras. O que verberamos e combatemos são os «filhos da malta». E porquê esta predilecção pelo ataque à mulher? É que, como costumamos dizer, a mulher, pelas suas características psico-somáticas, é o sexo forte da Família e, levada à libertinagem, esta, coesa e autêntica, não terá lugar.

O segundo exemplo poder-se-á situar na maneira indirecta, mas capciosa, como os meios de comunicação social, mormente a televisão, procuram, ao fim e ao cabo, denegrir os valores morais em que toda a estrutura familiar deve assentar. Os adultérios, as infidelidades e as devassidões dos mais variados carizes são constantes. O mal apresenta-se como bem ou como solução natural para os conflitos e situações da vida. Busca-se a adesão ou a passividade das pessoas que, inconscientes, não tendo sentido crítico, acabam num autêntico estado de narcotização e, à força de tanta água batendo, mesmo em pedra dura, acabam por pensar e agir como lhes é pro-

posto ou sugerido. É terrível este meio de poluição e de desagregação moral, até porque, usando da imagem, sempre poderosamente influente, nos apresenta o veneno servido como que em vasos de cristal e por criados de libré, que nem por isso deixa de ser corrosivo ou até mortal.

● A Justiça rápida e eficiente é uma exigência absoluta dum Estado de Direito. Infelizmente, os Tribunais carecem de recursos humanos e materiais capazes. Os processos avolumam-se e nem já há mesas ou armários para os comportar. As decisões arrastam-se e, não raro, amnistias mais ou menos discutíveis deixam impunes os prevaricadores. Ora, salvo o devido respeito, para lá de prejuízos materiais e morais incontáveis que tal estado de coisas acarreta, há que considerar a presente situação como que um convite ao crime, até porque, as Autoridades, quando os prejuízos ou danos ficam abaixo de certos valores, assoberbadas como estão com os grandes crimes, não têm tempo, por mais que o desejem, para ligar aos casos de menor monta e as vítimas entendem não valer a pena, por isso, realizar as suas queixas. Quer dizer, tirar, por exemplo, uns livros numa livraria ou apoderar-se de certas roupas ou de outros objectos num supermercado, na prática, ficará impune. E os criminosos andarão à solta, que só é crime matar ou assaltar bancos, passe o exagero!

Padre Luiz

OUTRA CARTA

É do concelho da Feira e mereceu a nossa melhor atenção. Já respondemos às perguntas formuladas, mas não queremos deixar de partilhar a carta com os nossos leitores — pela riqueza do seu conteúdo. Aqui está:

«Sou mãe de três filhos, viúva há dois anos.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Cont. da 3.ª página

reno. Fazemos a sementeira como os lavradores. A colheita não é connosco; é de Deus. Assim, O GAIATO irá por aí fora e abrirá os olhos a muita gente.

Síntese da procissão: Vieram novos assinantes de Alcobaca, Torres Novas, Setúbal, Régua, Guarda, Arganil, Cabaços, Vila Meã, Vila Nova de Famalicão, Arnoso de Santa Eulália, Alhandra, Torres Vedras, Horta (Açores), Aveiro, S. Salvador da Torre, S. Jacinto (Aveiro), Vila Maior, Seixas do Douro, Carcavelos, Tondela, Santo Tirso, Guilhufe (Penafiel), Rio Tinto, Maia, as colheitas de Avintes e no Porto — como já referimos — uma série de Lisboa e presenças de Paraná (Brasil), Munster e Osnabruck (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

Gostava de colaborar, segundo as minhas possibilidades, nessa Obra de meninos ou rapazes.

Quería saber qual a Casa que mais dificuldades tem, para a ajudar. Gostava de saber como funciona a Obra.

Há uma Casa especial para cada idade ou é uma junção de idades à maneira de família? Gostava de colaborar com as idades mais pequenas. Se houver alguma Casa que só se dedique a esta idade, gostava de saber e visitar se possível. Gostava de comprar roupinha e...

Eu gostava de saber, também, como funcionam as Conferências Vicentinas.

Por favor podia-me informar, pois gostava de dar um sentido profundo à minha vida. Apesar de viúva queria ser consagrada ao Senhor.

Mando-lhe 500\$00 para colaborar nessa Obra maravilhosa. Gostava de a conhecer em profundidade. Explique-me por favor.

Gostava de saber se dentro da Obra costuma haver vocações para o Sacerdócio e como se processa essa vocação.

Gostava de colaborar numa vocação sacerdotal.

Gostava também de saber se à frente de cada Casa está um sacerdote ou...

Quero pedir-lhe desculpa de todas as minhas perguntas, mas isto é para me ajudar a descobrir algo mais que ignoro. É difícil saber quem precisa de nós.»

NOTAS DO TEMPO

Cont. da 1.ª página

tancial homenagem que lhe será mais querida.

P.e Honorato e D. João, dois Homens profundamente empenhados no trânsito terreno do Homem; quero dizer: de todos os homens, sempre. Dois Homens que pisaram a terra com o coração no Céu. Por isso tão fecundos; tão luminosa e inconsumptível a sua lembrança.

3 Ocorreu, dia 12 passado, o centenário do Doutor Faria de Vasconcelos.

Quem foi?

Permitam-me os Leitores uma pequenina nota biográfica, já que não tiveram nos grandes meios de Comunicação Social franca oportunidade de acharem a resposta.

Foi um apaixonado pelo Homem, que se forma pela educação que lhe é proporcionada e que assume. Professor na sua Pátria, na Bélgica, Suíça, em Cuba e na Bolívia; entusiasta por uma «Escola Nova» que ensaiou e estabeleceu. Escola ligada à vida. Mais importante que saber, é ser. Ensinar o jovem a ser Homem, sábio também segundo a sua medida — ensiná-lo a descobrir nos caminhos contrastados do tempo a fecundidade que o fará feliz, aqui, agora e para sempre.

Inquieto por tantos desajustamentos entre o Homem e a profissão que exerce, lutou e conseguiu o primeiro Instituto de Orientação Profissional que houve em Portugal, pequenino mas famoso em toda a Europa.

Aliás o renome deste Professor terá sido maior lá fora do que cá. Coisas que acontecem muitas vezes mas que, no que respeita ao Doutor Faria de Vasconcelos, deveria ser corrigido nesta ocasião do seu centenário.

Não lhe faltaram, pois, condições para a celebridade e para a riqueza. Mas ele foi um apaixonado. O que ganhou, gastou-o na investigação e no serviço imediato dos alunos. Morreu pobre e deixou a sua Esposa a herança de um nome impoluto... e uma pequenina pensão de menos de cinco contos, da qual, ao longo de meses e de sacrifícios, a Senhora conseguiu amealhar trinta para a edição da obra escrita deste Mestre.

A celebração centenária começou dia 1 em Castelo Branco. Bispo da diocese e muitos sacerdotes concelebraram. Foi descerrada uma lápide na casa onde nasceu. A Faculdade de Letras de Coimbra não ficará muda. Mas a grande homenagem, digna do Homem e da Nação em que viu a luz, a mais capaz de perpetuar o seu nome e servir a cultura dos portugueses é a publicação integral da sua obra. Os trinta contos arrancados por D. Celsa ao seu modestíssimo viver nem para as capas chegam.

Veremos como agradece a Pátria a este Homem que, se não viveu conscientemente com o coração no Céu, com certeza o guardou sempre e deliberadamente muito para além da terra.

Padre Carlos

Lar Operário em Lamego

Podemos informar, desde que pensámos no «Jardim Infantil» em Samodães e se começou a pôr em prática um cuidado especial com as crianças, se deu início a uma obra que vai ter diversos capítulos.

Acabamos agora de escrever o primeiro. Teve início em Outubro, com a vinda das Educadoras da Escola Social Rural e terminou no dia 3 de Março com uma festa educativa, oferecida pelas crianças aos seus familiares e amigos.

Foi também a despedida daquelas duas obreiras que partiram para outros campos de acção. O bem que elas espalharam neste tempo, não se pode calcular; mas recebemos um testemunho eloquente nas lágrimas de saudades e nas atitudes de simpatia e gratidão que elas receberam das crianças, dos jovens e da população em geral. Houve uma exposição de trabalhos realizados pelas crianças. Se os nossos olhos não vissem a beleza dos artigos expostos, não acreditaríamos que os autores fossem pequenos artistas do «Jardim Infantil». Bendizemos a hora em que se meteram ombros a esta iniciativa e louvamos o Senhor pela generosidade que despertou no coração dos que nos ajudaram. Afirmamos que terminou o primei-

ro capítulo, mas agora vamos começar a escrever outro; não podemos parar, nem podemos cantar vitória. Quando se poderá dizer que um trabalho de formação ou promoção chegou ao fim?... A vitória total nunca a chegaremos a ver, pois muito do bem realizado só é conhecido por Deus. Há segredos de alma que nascem e vivem e descem connosco ao túmulo.

A exposição dos trabalhos foi um pouco improvisada e alguém fez o comentário de que era um supermercado. Não sabemos o tom em que se fez a afirmação, mas é inteiramente acertada. Era um supermercado de beleza na confecção das coisas; era um supermercado onde se encontrava amor forte, carinho sem medida, dedicação extrema pelas

crianças; era um supermercado onde abundava a generosidade de quantos colaboraram na primeira caminhada; era um supermercado a impor a obrigação de continuar a tarefa na educação, são, alegre e benfazeja das crianças de Samodães; era um supermercado onde tudo, tudo, nos falava de que ali o bem também é possível se houver quem se interesse.

Meu caro leitor, na festa do dia 3 de Março só houve a falha de não veres com os teus olhos como foram bem aplicadas as ofertas para o «Jardim Infantil» de Samodães e como o Senhor as abençoou nas mãos inocentes daquelas crianças.

Padre Duarte



Tiragem: 39.500 exemplares